

+museu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 27 - mai./nov. 2023

Editorial

«No âmbito do trabalho de pesquisa que temos vindo a realizar e do esforço de sensibilização da comunidade para a preservação do património e do incentivo à colaboração e envolvimento com o museu municipal, notamos haver grande interesse, por parte da população, numa participação activa.» Assim começava a proposta submetida a 22 de abril de 2002, que viria a dar origem ao +museu, publicação que celebra, a 18 de maio de 2023, 20 anos de existência e que tem sido o veículo privilegiado de informação e de partilha de conhecimento do Museu Municipal. Invariavelmente, nos dias 18 de maio (Dia Internacional dos Museus) e 1 de novembro (Dia da Restauração do Concelho) de cada ano, lançamos novos números, em formato físico e online, e é através das suas páginas que vamos dando conta do trabalho que realizamos, do resultado das investigações - nossas, de entidades parceiras e de investigadoras/es que trabalham o território - das exposições que produzimos, dos encontros, congressos e cursos que organizamos, do programa pedagógico do nosso Serviço Educativo. É, pois, com entusiasmo e reconhecimento que felicito a equipa - quem cá está e por quem cá passou, ao longo destas duas décadas - pelo trabalho desenvolvido, confiante de que muitas outras se seguirão, com novas descobertas, atividades e projetos, e ciente da importância desta dinâmica para a salvaguarda do nosso Património e para o reconhecimento das Identidades que habitam o território.

Para assinalar esta data, decidimos convidar os nossos parceiros museológicos para falarem de si: Museu da Música Mecânica, Fundação COI (Quinta Pedagógica da "Casa Caramela") e Associação de Municípios da Região de Setúbal (Quinta Pedagógica de S. Paulo). Estes espaços culturais desenvolvem um importante trabalho para o conhecimento e valorização do Património Cultural do Município. A ligação com o Serviço Educativo do Museu cumpre-se diariamente, sobretudo no decorrer do ano letivo, quando centenas de alunas/os do Concelho têm oportunidade de contactar com estes patrimónios e saberes-fazer. As escolas comunicam diretamente com o Serviço Educativo, cabendo-nos a articulação com os parceiros museológicos, que não se cinge às visitas orientadas e pressupõe acompanhamento técnico e a realização de atividades e projetos culturais em parceria.

Neste número, temos, também, oportunidade de dar conta do resultado de duas intervenções arqueológicas em Palmela. A primeira decorreu no Castelo, entre 2018 e 2019, e permitiu recolher um conjunto de artefactos metálicos e sinalizar a utilização das armas de fogo neste local. A segunda, realizada entre 2021 e 2022, aconteceu junto à Fonte de Beber, situada a poente do núcleo central da vila, e colocou a descoberto uma estrutura hidráulica de época moderna.

A comunicação inclusiva, que procura ter em conta todas as pessoas da comunidade, está em destaque neste boletim, com um artigo sobre a relação do Museu – A Estação com a população de idade maior.

O suplemento deste número partilha o novo programa do Serviço Educativo que, no próximo ano letivo, terá como mote as comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril de 1974. Estas comemorações já arrancaram no Município sob o mote "Abril para já!", porque Abril deve ser evocado, vivido e construído todos os dias, para que se cumpram os valores democráticos, a cidadania ativa e plena, a Liberdade e a Paz!

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



20
anos juntos

Edição
Especial
Aniversário

Em investigação...

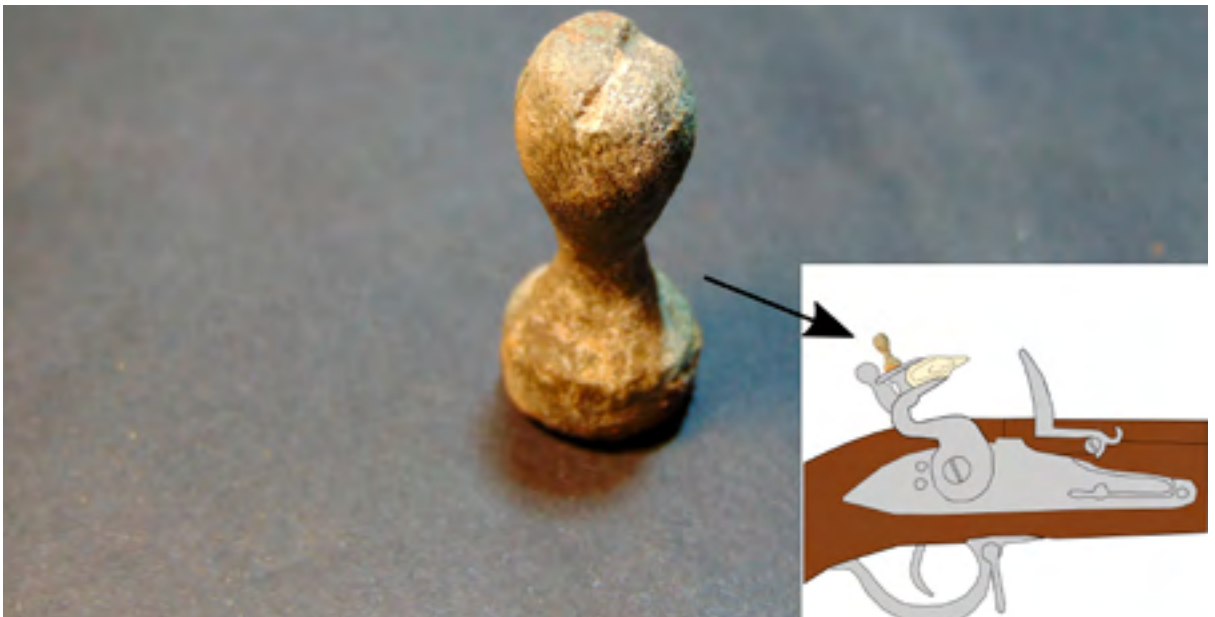
2 | DA PEDRA À BALA: AS ARMAS DE FOGO DO CASTELO DE PALMELA DA IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

A escavação arqueológica realizada entre 2018 e 2019, no âmbito do projecto de intervenção de natureza estrutural para evitar derrocadas das encostas do Castelo de Palmela, permitiu recolher vários artefactos metálicos que nos dão a conhecer a história e evolução do uso das armas de fogo, da pedra até à bala, sensivelmente desde, pelo menos, os séculos XVI/XVII até aos inícios do século XX.

Armas de fogo de antecarga

Surgem ainda no século XIV, mas é a partir do século XV que se notam desenvolvimentos no desempenho deste tipo de armas, conferindo uma maior precisão e regulamentação do tiro. Em 1514, é criado o fecho de roda, que substituiu o morrão (mecha incandescente) por uma pederneira em sílex colocada nas maxilas do cão¹.

A peça C.PAL.18.1008 (imagem 1) representa uma pequena peça do parafuso do fecho de pederneira, do tipo de fecho inglês, de formato cónico e em liga de cobre, com 2,2 cm de comprimento e 0,8 cm de espessura. Este tipo de sistema foi utilizado em várias tipologias de armas (clavinas, mosquetes, bacamartes e pistolas), com um uso balizado desde meados do século XVI até ao XVIII.

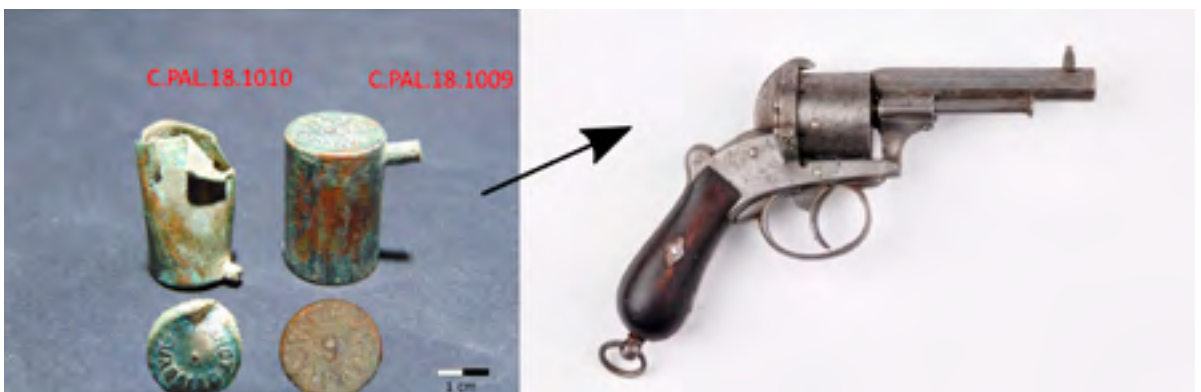


O sistema de fulminantes/espoleta (peças C.PAL.18.1001 e C.PAL.18.1002 – imagem 2) surge no final do século XVIII, com a descoberta de um método seguro para criar um fulminato de mercúrio, pelo químico inglês Edward Howard (1774-1816). Por volta de 1820, Alexander James Forsyth (1769-1843) faz a criação de um novo tipo de fecho, o fecho de Forsyth, revolucionando assim as armas de fogo (Ferreira, 2017:30). Esta inovação permitiu a transição das armas de pedreira para o fecho de percussão, em que o cão foi substituído por uma só peça que funcionava como martelo, sendo o fuzil, a mola e a caçoleta substituídos por uma peça chamada chaminé, furada interiormente, a qual se enroscava no ouvido da espingarda. A ignição da carga propelente faz-se por explosão da mistura fulminante por acção da pancada do cão. Ambas apresentam as mesmas dimensões, com um diâmetro e altura de 0,7 cm e 0,03 cm de espessura; produzidas em latão, ou numa liga de cobre.

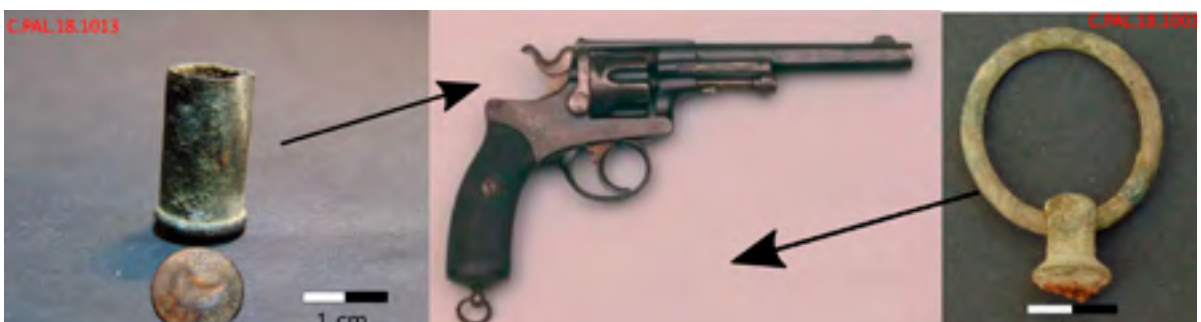
Na sequência da Revolução Industrial, assiste-se a uma vertiginosa evolução e aperfeiçoamento dos sistemas de armas por toda a Europa. Entre 1846-1855, Portugal compra algumas armas mais sofisticadas a Inglaterra, possibilitando aos armeiros portugueses copiar os novos sistemas de fecho e converter as armas existentes (pedreneiras) para um sistema de percussão actual, num processo complexo, embora atrasado em relação ao resto da Europa (Ferreira, 2017:30). As espingardas de fecho de pedreneira Land Pattern (Brown Bess) e as carabinas Potts foram assim transformadas em Espingardas de Infantaria e nas Carabinas de Caçadores Enfield-Minié m/1859 (Pinto, 2009:55-57).

Armas de mão do século XIX: Revólver e Pistola





As peças C.PAL.18.1009 e C.PAL.18.1010 (imagem 3), constituem dois invólucros de bala de espiga - sistema Lefauchaux -, produzidas em cobre, utilizadas em revólveres de fabrico belga e francês entre 1832 e 1886. O sistema de Lefauchaux foi um dos primeiros a usar o cartucho composto (fulminante, invólucro e projectil combinados), criado em 1830 e patenteado em 1835, pelo francês Casimir Lefauchaux. O fulminante encontra-se no interior do cartucho, que é deflagrado através de uma pancada de um espigão na parte interna posterior da cápsula, percutindo a carga de pólvora e a saída do projectil (Ferreira, 2017:40-41). A partir da década de 1870, generalizou-se o uso de revólveres Lefauchaux entre os oficiais e praças do Exército Português, adquiridos à sua custa (Pinto, 2009:61).



Em Portugal, à época, estava ao serviço do exército o revólver Abadie, uma arma de origem francesa cujo sistema foi inventado pelo engenheiro George Abadie, e que permitia o carregamento em segurança, com a abertura da janela do cilindro (tambor), tendo sido produzida, a partir de 1876, pela firma J. Dechourin, Fils, de St. Etienne. Esta arma foi aprovada pelo Estado Português para utilização dos oficiais do Exército a partir de 1878 (Pinto, 2009:29). A bala C.PAL.18.1013 é uma cápsula para revólver do tipo Abadie, ou semelhante, e a argola C.PAL.18.1003 uma peça que se situava no punho, e onde o fiador (fio de cabedal de secção circular de 4 mm) era preso (Regalado, 2008:72). (imagem 4).



A C.PAL.18.1012 é um invólucro de calibre 7.65, com um diâmetro de 9 mm, que pertencerá a uma pistola automática Luger Parabellum (imagem 5). Esta arma foi produzida na Alemanha e introduzida no Exército Português a partir do ano de 1908, na qual é introduzida a gravação do monograma de D. Carlos I sobre a câmara (Pinto, 2009:70).

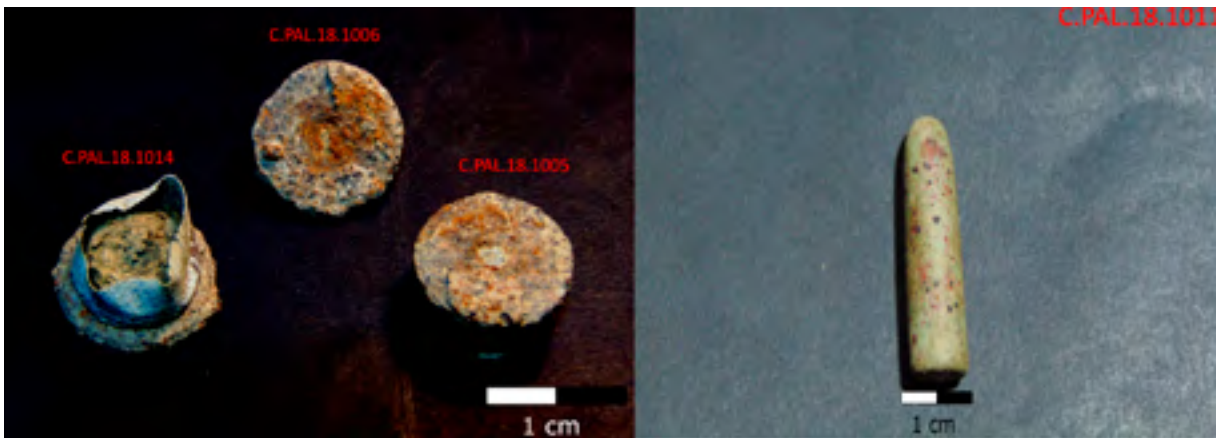
| Invólucro - Bala | N.º Inventário | Descrição | Legenda |
|---|----------------|---|-----------------------|
|  | C.PAL.18.1010 | Calibre: 9 mm Origem: Liège (Bélgica) Fabricante: Victor Francotte May et Cie. Arma: Revólver (LeFaucheux) Cronologia: 1871 - 1911 | V.F.M&C 9 LIEGE |
|  | C.PAL.18.1009 | Calibre: 8 mm Origem: Cureghern-les-Bruxelles (Bélgica) Fabricante: Charles Fusnot (Fábrica de balas e cartuchos) Arma: Revólver (LeFaucheux) Cronologia: 1833-1888 | FUSNOT BRUXELLES |
|  | C.PAL.18.1013 | Calibre: .32 Origem: Paris (França) Fabricante: Gévelot, S. A. Arma: Revólver (tipo <i>Abadie</i>) Cronologia: 1878-1900 | GG 32 S&W |
|  | C.PAL.18.1012 | Calibre: 9 mm Origem: Londres (Inglaterra) Fabricante: Deutsche Waffen und Munitionsfabrik (D.W.M) Arma: <i>Luger Parabellum</i> Cronologia: 1908-1943 | 7.65 |

Cartuchos dos finais Século XIX

Foram recolhidas nove bases de cartuchos e um projectil que permitem diferenciar dois tipos de armas de fogo: as armas de uso militar e espingardas de caça. Estes cartuchos utilizam o sistema de Chassepot, criado em França no ano de 1857, por Antoine Alphonse Chassepot, em que o aperfeiçoamento dos cartuchos diferenciava-se do modelo de Dreyse (cartucho de combustão em papel), consistindo no acrescento de uma base circular de latão que continha o fulminante a meio da peça, e isolado por uma bucha de feltro com um corpo de papel enrolado em forma cilíndrica (invólucro); o projectil em chumbo (bala) situava-se na arte da frente.

Armas militares:

Os cartuchos que se associam a armas militares são de base em latão e corpo (invólucro) em papel (cartucho combustível), de calibre .451, destinados ao armamento de retrocarga com sistemas de culatra. Neste conjunto inserem-se as peças C.PAL.18.1005, C.PAL.18.1006 e C.PAL.18.1014, que ainda preservam no seu interior a bucha em feltro (imagem 6). Entre 1866 e 1867, D. Pedro V mandou comprar em Inglaterra as carabinas Westley-Richards para os corpos de caçadores, sendo as primeiras armas de carregar pela culatra, de calibre 11,8 mm e de cartucho combustível que entraram em Portugal (Pinto, 2009:59). O projectil C.PAL.18.1011 é uma peça em chumbo, de forma cónica, cabeça afilada, com 3,15 cm de comprimento e 0,65 cm de diâmetro (imagem 6), e estaria na extremidade de um cartucho metálico. Terá sido utilizada, possivelmente, na Carabina Snider m/1872 de 14,7 mm de cano. Esta arma é a versão mais moderna das carabinas Enfield-Minié m/1859, modificadas para o sistema de retrocarga, por culatra, utilizando cartucho metálico. Em Portugal começaram a transformar estes modelos a partir de 1871, missão a cargo da Fábrica de Armas do Arsenal do Exército, tornando-se assim em Snider (Pinto, 2009:84).



Cartuchos de armas de caça

Este tipo de munição é denominado como cartuchos de combustão, com corpo em papel enrolado, cuja base da copela é feita de latão, e onde estava colocado o fulminante (imagem 7). Entre os séculos XVIII e XIX, Portugal fabricou espingardas e pistolas de boa qualidade em oficinas privadas e no Arsenal do Exército, principalmente de aparato, de defesa e de caça, bem acabadas e fabricadas individualmente por mestres arneiros, recorrendo também a aquisições no estrangeiro (Pinto, 2009:53).

| Cartucho | N.º Inventário | Descrição | Legenda |
|----------|----------------|---|--------------------------------|
| | C.PAL.18.1004 | Calibre 12 Origem: Milão (Itália) Fabricante: Leon Beaux & Co. Cronologia: 1883-1932 | LEON BEAUX & C. 12 MILAN |
| | C.PAL.18.1007 | Calibre 12 Origem: Nuremberga (Alemanha) Fabricante: Rheinisch-Westfalische Sprengstoff. (R.W.S) Cronologia: 1886-1931 | R.W.S. ♥♥ 12 |
| | C.PAL.18.1016 | Calibre 16 Origem: Nuremberga (Alemanha) Fabricante: Rheinisch-Westfalische Sprengstoff. (R.W.S) Cronologia: 1886-1931 | R.W.S. ♥♥ 16 |
| | C.PAL.18.1017 | Calibre 16 Origem: Londres (Inglaterra) Fabricante: Eley Brothers Ltd. Cronologia: 1895-1929 | ELEY Nº 16 LONDON |

Luís Filipe Pereira
Arqueólogo, Arqueohoje, Lda.
O autor não segue as normas do Acordo Ortográfico em vigor

Bibliografia

- Ferreira, Rui Pedro da Rocha (2017) – Duas coleções de armas – proximidade e distância. Dissertação de Mestrado em Património Artes e Turismo Cultural. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação. Porto.
- Filipe, Rui Alexandre Ribolhos (2015) – A batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa.
- Monteiro, Pedro da Silva (2018) – Reforma do armamento ligeiro no início da Regeneração (1851-1864). Revista Militar n. 2599/2600, pp. 677-693.
- Pereira, L.F. & Santos, M.T. (2020) - «A encosta sul do Castelo de Palmela: resultados preliminares da escavação arqueológica» In ARNAUD, José M.; Neves, César; Martins, Andrea, coords. Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1547-1558.
- Pinto, Renato Fernando Marques (2009) – As Indústrias Militares e as Armas de Fogo Portáteis no Exército Português. Disponível em: < <https://www.revistamilitar.pt/artigo/528> > (acedido a 25/02/2023).
- Regalado, Jorge A. (2008) – Revólver Abadie m/1886 da Guarda Municipal. Revista da Guarda, GNR, Edição n.º 1 – Janeiro/Março. pp. 68-73.

2.1 | INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA FONTE DE BEBER

Na sequência de um projeto de construção previsto para o terreno situado em zona de encosta, a poente do núcleo central da vila de Palmela, a intervenção arqueológica permitiu colocar a descoberto uma estrutura hidráulica de época moderna. Este elemento encontrava-se sob diversos níveis de aterro acumulado na encosta durante alguns séculos e com grande quantidade de lixo doméstico contemporâneo.

A área intervencionada, em 2021, resultou, por isso, na escavação de aterros nas diferentes sondagens arqueológicas que, por estarem em zona de encosta, tinham realidades muito condicionadas aos processos de escorrências e erosão.

A sondagem 3, por sua vez, ofereceu maior interesse arqueológico no conjunto das sondagens de diagnóstico. Foi detetada, a cerca de 1,10 m de profundidade, uma estrutura de formato sub-retangular, correspondente a um tanque conformado por muros de alvenaria em pedra, argamassa e reboco; apresenta orientação norte-sul, prolongando-se para fora da área da sondagem intervencionada.

Numa segunda fase dos trabalhos arqueológicos durante o ano de 2022, o alargamento revelou a estrutura na sua totalidade, e ainda o aparecimento de outra contígua à anterior.

Do espólio arqueológico exumado, recolheram-se maioritariamente telhas e cerâmica de uso comum, e alguns fragmentos de faiança de produções quinhentistas associados a materialidades do século XVIII e XIX, e cerâmicas possivelmente de época romana. A datação que se propõe para o momento de desativação do tanque é o século XVIII, ocorrendo então o sucessivo aterro da encosta neste ponto. A sua construção terá ocorrido necessariamente antes dessa data, possivelmente durante o século XVI ou XVII.

Efetivamente, esta estrutura foi interpretada como a de um tanque de água, no entanto não se registou nenhum escoadouro associado, bem como a sua passagem para o interior do tanque, uma vez que consideramos como principal hipótese a sua desativação propositada. Pese embora não termos acesso à totalidade da sua composição, os tanques possuem um formato sub-retangular, desenvolvendo-se a oeste, para o interior dos aterros e, por esse motivo, não foi possível a sua escavação integral no âmbito do alargamento da sondagem.

Tendo em conta a existência de uma mãe d'água e de fontes de água nas proximidades, o surgimento de um tanque é compreensível, pois iria recolher a água desses locais, pressupondo-se a existência de uma rede de canais para o efeito e, muito possivelmente, de outras estruturas similares.

Para enquadrar historicamente o sítio da intervenção arqueológica, é necessário ter em conta, em primeiro lugar, que Palmela pertencia à Ordem de Santiago por efeito da doação de D. Sancho I, no século XII (1186). No contexto da análise do códice da visitação e tomo das propriedades da Ordem de Santiago, de 1510, o historiador João Costa (COSTA, 2010), em sede de apresentação de dissertação de mestrado, analisa e interpreta as várias propriedades da Ordem, em Palmela, e, no que diz respeito ao espaço rural, diz o seguinte:

«Percebemos assim que existe uma ocupação intensa do espaço contíguo à vila. As manchas de horta e pomar, vinhas e olivedos, terras e campos de cereal sucedem-se umas às outras, interpenetram-se, não parecendo, contudo, existir uma clara divisão de culturas no áger de Palmela. No entanto, é possível observar que as hortas se localizariam preferencialmente na zona limítrofe do aglomerado urbano, nomeadamente nas zonas de Santa Ana, Façalvas, Corvacho e Palmela, nos Finais da Idade média.» (IDEM, p.44)

A referência às hortas da «zona de Santa Ana» correspondem, muito possivelmente, aos terrenos próximos da Ermida de Santa Ana que se situaria na atual Rua de Santa Ana, o que pode significar que essas «hortas» mencionadas possam corresponder, sensivelmente, à zona onde se implantou a sondagem 3.

Provavelmente, a existência de um tanque pode estar relacionada com a gestão dos recursos hídricos para a rega das culturas agrícolas. É, pois, expectável que a ele se relacionem outras estruturas de captação e condução de água.

Por fim, em breves palavras, a citação acima descrita refere-se a uma caracterização do território de Palmela nos inícios do século XVI, pelo que, com efeito, pode fazer sentido enquadrar a construção da estrutura encontrada na sondagem nessa cronologia. De qualquer modo, o surgimento de outro tanque contíguo impôs questões relativamente à interpretação que se obteve a partir da primeira fase de escavação desta sondagem. A escavação integral do tanque não permitiu aferir informações distintas das que já se tinham identificadas, e apenas quando se puser a descoberto a estrutura contígua se conseguirá solucionar certas dúvidas que surgiram relativamente à sua interpretação.



Fig. 1 – Implantação da área da propriedade em relação ao Castelo de Palmela.



Fig. 2 - Possível tanque de água identificado na sondagem 3. Na figura acima durante a intervenção no ano de 2021 e, em baixo, após o alargamento, no ano de 2022.

Vanessa Filipe, Catarina Parreira e Tiago Pereira
Arqueólogos da COTA80.86. – Salvaguarda do Património
Os autores não seguem as normas do Acordo Ortográfico em vigor

Bibliografia

COSTA, João. (2010) - Palmela nos Finais da Idade Média. Estudo do Códice da Visitação e Tombo de Propriedades da Ordem de Santiago de 1510. Dissertação de Mestrado em História Medieval. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Junho, 2010, p. 674, Lisboa.

Em destaque...

3 | Comunicar e incluir, a missão do Museu – A Estação

O «Museu – A Estação» sediado no antigo edifício de passageiros da estação ferroviária de Pinhal Novo, aborda na sua exposição permanente a ligação entre a ferrovia e o desenvolvimento desta localidade. Foi na segunda metade do séc. XIX, em 1861, que ficou concluída a linha-férrea do Barreiro a Vendas Novas e de Pinhal Novo a Setúbal, fator determinante para a história desta terra (Sampaio, 2009). Este espaço museológico é, neste sentido, um local de agregação da memória e do património da comunidade ferroviária, oriunda de vários pontos do país e que aqui se fixou. Muitas foram as pessoas que fizeram parte dessa história e muitas são as memórias que devem ser partilhadas e preservadas.

É importante realçar que a população sénior local tem muito a transmitir sobre esta temática. Segundo Sousa (2010), existe uma relação entre o museu e a pessoa sénior porque ambos são o centro da memória cultural local, estabelecendo um ponto de equilíbrio neste mundo que está em constante movimento. Neste sentido, é absolutamente fundamental perpetuar esta relação. Existem diversas possibilidades para o fazer, através da forma de comunicar conteúdos, experiências, atividades dentro e fora do museu.

Quando se pensa em produzir conteúdos informativos, por exemplo, deve-se pensar nas diferentes características das pessoas que os vão ler. Devem ser usadas diversas estratégias comunicacionais adaptadas às necessidades dos diversos públicos, não esquecendo visitantes e parceiros seniores.

É, também, fundamental conhecer o perfil sociológico do público sénior das comunidades onde estão inseridos os museus e contactá-lo no sentido de perceber quais as suas necessidades e expectativas. O processo comunicacional nos museus com este público, deverá ser repensado na sua diversidade, com base nas várias escolhas culturais e hábitos adotados pela pessoa e de acordo com características específicas do processo de envelhecimento (Araújo, 2015). Deste modo, as ações desenvolvidas pelo museu devem também atender às características e necessidades desta faixa etária. Para Carvalho (s.d.) criar uma oferta nos museus para o público sénior, pode passar por dinamizar visitas guiadas, cursos, *workshops*, conferências, entre outras. O Museu – A Estação tem avaliado essas necessidades e características. A pessoa sénior é parceira e público do museu. Existem muitos antigos ferroviários que já «fazem parte da equipa», assim como outros visitantes que se dirigem ao Museu para lembrar outros tempos...

Para o arquivo de fontes orais têm sido recolhidos diversos depoimentos que eternizam as palavras e imagens de ferroviários em suporte de vídeo. O projeto «No meu tempo...» - visitas orientadas por ferroviários, pretendem transmitir as vivências de outrora. Através desta atividade, que decorre uma vez por mês, pretendemos dar voz a quem viveu uma vida dedicada à profissão ferroviária. Para além dos saberes e das memórias transmitidas por via oral, os participantes levam consigo objetos e documentos que ilustram as funções que exerceram. Algum desse material é doado ou emprestado para o acervo da instituição museológica. Este é também um espaço interativo de experiência, de partilha entre quem conta e quem participa. Iniciativa criada durante a pandemia COVID-19, foi distinguida em junho de 2022, na 5.ª edição do Prémio Cultura 21, que reconhece as cidades com as melhores práticas mundiais na promoção dos direitos culturais, promovido pela Organização Mundial de Cidades e Governos Locais Unidos. A estas pessoas devemos esta distinção.

Na sequência desta atividade fomos, ainda, desafiados a promover um livro e uma exposição de fotografia. O professor universitário e fotógrafo Marcos Camilo ao assistir a estas visitas, propôs a exposição de fotografia «Ferroviários» que retratou os ferroviários que estiveram presentes nas diversas sessões da iniciativa, até ao final de 2022. Decidiu, igualmente, colocar em palavras as histórias que ouviu, dando corpo ao livro «Linhas com Cruzamentos de Destino – Imagens e Memórias do Património Ferroviário». Mas este trabalho não ficou guardado; o seu carácter itinerante leva-nos a outras paragens, como a Associação dos Lares Ferroviários e a Escola Secundária.

Inserida na estratégia municipal de promoção do envelhecimento ativo e da intergeracionalidade foi, também, desenvolvida a iniciativa «Conversas de Carruagem» promovida pela Associação Juvenil Odisseia. Foi uma viagem de ida e volta entre as estruturas residenciais de seniores do concelho e o Museu.

Em suma, o Museu apresenta-se como espaço privilegiado do desenvolvimento da pessoa sénior, porque permite a realização de elos a partir das suas experiências. Para além disso, proporciona um desenvolvimento da memória e relação com outras pessoas. Sendo o museu depositário da memória de um povo, possui uma história que tem de comunicar com os diversos públicos e o público sénior tem sido um ator importante na história que a exposição apresenta (Sousa, 2010).



Referências Bibliográficas:

- Araújo, O. S. (2015, novembro 18). Os idosos como público de museus. In *SEBRAMUS – Seminário Brasileiro de Museologia*. Recife.
- Sampaio, T.A. (2009). *A apropriação do apelativo Caramelo na Construção Identitária de Pinhal Novo* [Tese de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/1467>
- Sousa, J. G. (2010). Museu, 3.ª Idade e Animação: Relações de Enriquecimento. *Revista Práticas de Animação*, 3, pp. 1-14.
- Vlachou, M. (2010). *Sobre o Seminário Anual do GAM: Público sénior nos museus*. Hypotheses. <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/tag/publico-seniornos-museus>

Património Local...

4 | Museu da Música Mecânica - Um museu de ver, ouvir e sentir

O Primeiro Museu de Música Mecânica em Portugal

Música mecânica, a primeira forma de ouvir música sem instrumentista, que marcou gerações passadas e que, atualmente, se revela maioritariamente desconhecida. Foi com este desafio que o colecionador Luís Canguero concebe o primeiro Museu de Música Mecânica em Portugal, que surge da combinação do seu fascínio por colecionar antiguidades e da sua paixão em partilhar a sua coleção com o público.

Inaugurado a 4 de outubro de 2016, no concelho de Palmela, a construção do Museu da Música Mecânica é uma iniciativa privada do colecionador, que durante cerca de três décadas reuniu mais de 600 peças, que datam desde o séc. XVIII até à primeira metade do séc. XX. Trata-se de um acervo representativo de toda a música mecânica, em que todas as peças estão aptas a tocar, podendo-se ouvir os sons destas máquinas exatamente como ouviam as gerações passadas. Uma viagem musical no tempo à descoberta do maravilhoso mundo da música mecânica.



Fachada exterior do MMM

A primeira apresentação ao público

Foi em 2005 que Luís Canguero decidiu apresentar ao público, pela primeira vez, algumas peças da coleção que tinha vindo a constituir desde 1987. A Igreja de Santiago, no Castelo de Palmela, foi o local escolhido para esta exposição, em parceria com a Câmara Municipal de Palmela.

Era propósito do colecionador compreender como as pessoas reagiriam perante uma exposição original e inovadora de instrumentos musicais que ninguém conhecia, mas que acabou por receber mais de 14.000 visitantes num curto período de mês e meio. Durante as visitas guiadas, os sons que ecoavam naquela igreja quinhentista, despertavam admiração e curiosidade, e não faltou, por vezes, uma ponta de emoção. De tantos testemunhos orais e escritos, destacamos um pequeno texto que o Prof. José Hermano Saraiva escreveu no final da sua visita: *«Lição surpreendente e inesquecível é a que se recolhe nesta visita à preciosa coleção de música mecânica, pela primeira vez apresentada ao público neste monumental lugar de Palmela. O país fica mais rico com esta coleção, tesouro e documento de uma época passada e mal lembrada.»*



Exposição na Igreja de Santiago

A forma extraordinária e imprevisível como foi recebida esta exposição provocou, naturalmente, no colecionador um enorme entusiasmo, que levou a apresentá-la alguns meses mais tarde no Centro de Congressos de Lisboa. Em anos seguintes, outras exposições percorreram locais tão diversos como o Centro Cultural de Bragança, a Biblioteca de Miranda do Douro, o Centro Cultural de Alfândega da Fé, a Oficina de Cultura de Almada, o Convento dos Capuchos na Costa de Caparica, a Capela de S. Sebastião nas Caldas da Rainha, o Museu da Música Portuguesa e a Capela do Espírito Santo dos Mareantes em Sesimbra.

O colecionador continuou a receber sinais muito claros do enorme interesse manifestado pelos visitantes, que foram extremamente significativos para a difícil e arrojada decisão em construir um espaço museológico, onde o acervo pudesse ser permanentemente visitável.

O caminho não se tornou fácil, porque a teia burocrática que envolveu este projeto exigiu uma enorme resiliência da parte de Luís Canguero, pois foram necessários 11 anos para que o Museu da Música Mecânica pudesse abrir ao público em outubro de 2016.

Pelo projeto de arquitetura, mas também pelo que representa sob o ponto de vista cultural, houve o reconhecimento por parte da Câmara Municipal de Palmela e da Direção Geral do Património Cultural, ao ser classificado, em 2020, como Monumento de Interesse Municipal.



Inauguração do MMM

Faça o favor de entrar numa caixa de música gigante

O museu consiste numa caixa totalmente fechada, que pretende assemelhar-se a uma caixa de música. A sua fachada principal apresenta uma concavidade que, segundo o arquiteto do projeto Miguel Marcelino, se inspira nas campânulas dos fonógrafos e dos gramofones.

A coleção está distribuída por um total de 3 galerias e duas antecâmaras expositivas no piso 0, dispostas em redor de um pátio central. Uma escadaria e o elevador conduzem-nos à sala documental com milhares de fonogramas e cerca de 200 livros, com uma temática comum sobre a música mecânica. No piso 2 encontra-se o auditório com 70 lugares e a sala de exposições temporárias. O museu está localizado numa quinta em meio rural, a Quinta do Rei, com um centro hípico, uma área envolvente de vegetação com jardim e campos de jogos.



Galeria nascente com coleção de fonógrafos e gramofones

Uma coleção reunida ao longo de 30 anos

Frequentador assíduo de leilões e antiquários, foi como amante e colecionador de arte, que Luís Cangueiro se cruzou com este mundo fascinante da música mecânica. Adquiriu o seu primeiro gramofone em 1987, por mero acaso, longe de imaginar que o seu interesse por esta temática o levaria a uma coleção com mais de 600 peças. O seu principal objetivo era reunir uma coleção representativa de toda a música mecânica, onde fosse possível encontrar todas as tipologias, sistemas sonoros e suportes musicais. Tal objetivo foi finalmente alcançado com a mais recente aquisição em finais de 2022: o órgão de palhetas Orchestrelle.

O sonho de construir este museu surge com a missão de garantir a salvaguarda, o estudo, a preservação, valorização e fruição deste património, tornando-o um espaço aberto a toda a comunidade.

Desde a sua abertura, o Museu da Música Mecânica foi distinguido pela Associação Portuguesa de Museologia nas mais diversas categorias: Colecionador, Coleção Visitável, Website, Incorporação, Catálogo e Merchandising Cultural.



Colecionador Luís Cangueiro

Convite para uma viagem musical no tempo

Propomos agora uma breve viagem no tempo pelo espaço expositivo. A galeria poente acolhe as caixas de música de cilindro metálico, invenção atribuída ao relojoeiro suíço Antoine Favre, em 1796. O som é produzido por lâminas de aço, mais tarde acompanhado por orquestras com campainhas, tambores e metalofones. As mesmas lâminas de metal viriam também a ser integradas na invenção das caixas de música de disco metálico, por Paul Lochmann, em 1885. Estão reunidos neste espaço todos os instrumentos dotados deste sistema sonoro.



Caixa de Música de Orquestra, Suíça final séc. XIX

A galeria sul apresenta instrumentos em que o som provém de palhetas, em peças como o realejo, o acordeão, a concertina, o órgão e os mais variados modelos de organette. Ouvem-se também sonoridades provenientes de cordas no piano, violino, cítara, orquestrão e organilho. Por último, pode-se ouvir o som de tubos em madeira e metal nos órgãos de salão e órgãos de rua.



Órgão de tubos Limonaire Frères - França, ca. 1900

Alguns destes instrumentos são também acompanhados por tambores, címbalos, xilofones e campainhas. Os autômatos, que integram uma nova categoria, encontram-se distribuídos por estes dois espaços, em função do mecanismo da respetiva fonte sonora.



Autômato A menina e o rato – França, final séc. XIX

Às peças destas duas galerias denominamo-las por instrumentos de música mecânica, e têm uma particularidade comum, são produtoras de som, porque dependem exclusivamente do seu sistema mecânico. Por outro lado, os fonógrafos e gramofones são reprodutores de som, onde naturalmente se inclui a voz, pelo que também são conhecidos por máquinas falantes.

Passemos finalmente à galeria nascente onde estão expostos os fonógrafos e gramofones, que têm a sua origem no fonógrafo Tin foil, a invenção registada por Edison, em 1877. Merece destaque um raro Tin foil de 1879, produzido pela fábrica da dupla francesa Ducretet e Fondain, aparelhos que gravaram pela primeira vez a voz humana. Diversos modelos de fonógrafos podem ser apreciados, com datação a partir de 1895.



Fonógrafo Edison Classe M – EUA, 1896

Dez anos após a invenção do Tin foil, o alemão Berliner inventa o gramophone, em 1887, porém o seu lançamento comercial só ocorre em 1893. No acervo existe uma grande diversidade de modelos de gramofone, mas é um privilégio poder contar com o carismático Berliner de 1900, o mais antigo gramofone da coleção, sempre associado ao cão Nipper, uma imagem que se transformou num ícone da marca "His Master's Voice".



Gramofone de Berliner com o cão Nipper que originou a marca "A voz do Dono"

Visitas Guiadas com música ao vivo

Os museus e as coleções devem ser entidades vivas. É com base nesta visão do colecionador Luís Canguieiro, que este espaço museológico se ergue, convidando à exploração da música dos nossos antepassados através de uma viagem multissensorial, desde a sua arquitetura exterior que evoca uma caixa de música gigante, às visitas guiadas com audição ao vivo das peças da coleção.

Este é, na verdade, um museu de emoções, assumidamente «vivo», onde a música é o veículo que possibilita encontros de gerações, partilha de vivências pessoais ao som dos mais variados instrumentos de música mecânica.

As visitas com audição ao vivo dos instrumentos da coleção, acontecem todos os sábados e domingos, às 15h30, e a participação não necessita de marcação prévia. Também se realizam visitas guiadas para grupos organizados com marcação prévia em outros horários. Para mais informações, consulte:

<https://museudamusicaemecanica.com/>

Este maravilhoso mundo da música Mecânica convida a uma verdadeira viagem musical no tempo, para que possamos ver, ouvir e sentir os sons únicos, e até mágicos, de peças com mais de 100 anos de história, e viver belos momentos musicais.



Visitas guiadas ao museu

Teresa Cangeiro
Diretora-adjunta do Museu da Música Mecânica

Quinta Pedagógica da Casa Caramela

A Quinta Pedagógica da Casa Caramela foi inaugurada em 8 de outubro de 2009, inserindo-se num contexto de ampliação das áreas de intervenção da Fundação COL, e com o propósito de consolidar a sua pretensão de criar espaços dedicados à preservação do património arquitetónico e cultural da região, bem como desenvolver um trabalho voltado à Educação Ambiental.



Enquanto Instituição Particular de Solidariedade Social, vocacionada não apenas para o apoio a públicos vulneráveis, mas também para o desenvolvimento comunitário, tem nesta vertente de intervenção um elo de ligação com a cultura material e imaterial de Palmela e, principalmente, de Pinhal Novo, promovendo a preservação da cultura dos habitantes da região, com características únicas.



Trata-se de um projeto inserido na zona rural desta freguesia, numa região tradicionalmente reconhecida como terra dos «Caramelos», sendo com essa denominação reconhecidos os povoadores de uma extensa zona geográfica situada no concelho de Palmela, com maior expressão na porção de território onde hoje está situado Pinhal Novo. Eram migrantes sazonais, homens e mulheres, que, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, deslocavam-se anualmente desde a Beira Litoral, por períodos de até nove meses de duração, com o propósito de constituir mão-de-obra para as herdades existentes na região. Gradualmente e espontaneamente, essas famílias ficaram no território, num processo de intercâmbio cultural que produziu um conjunto de hábitos e costumes próprios, sem deixarem de conservar alguns dos aspetos centrais da sua herança cultural beirã, promovendo, no entanto, a absorção e a assimilação de elementos locais que conduziram à formação da denominada «cultura caramela».



De entre outros aspetos, sublinha-se a criação de um estilo próprio no que respeita à edificação de casas, bem como organização do espaço familiar e na utilização de instrumentos na sua vida quotidiana. Adicionalmente, na zona envolvente às habitações, existia o cultivo de variedades hortícolas e frutíferas da região, integradas nos seus próprios hábitos e experiências, que originaram um estilo único.

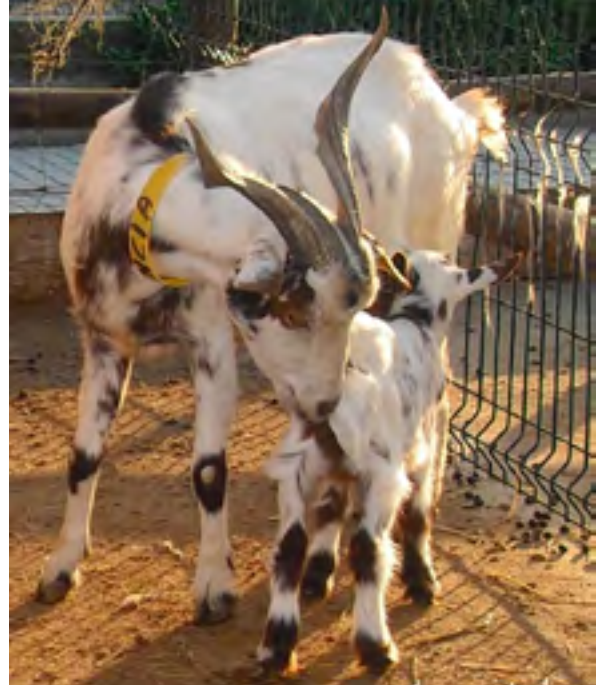
Com o projeto da Quinta Pedagógica da Casa Caramela, foi possível recuperar uma das habitações típicas da região à traça original, mobilada de forma a recriar o ambiente característico de uma casa de família rural daquele período. Dado o valor simbólico e único do edifício (uma vez que, de entre o relativamente reduzido número de casas «caramelas» ainda existentes, a sua generalidade se encontra em elevado estado de degradação), e face ao extenso acervo de peças recolhido e catalogado, o espaço foi classificado como Núcleo Museológico do Concelho de Palmela.



Além disso, toda a zona envolvente da Casa Caramela procura recriar a economia de subsistência própria das famílias de então, nomeadamente através do cultivo de frutas, verduras e hortaliças tradicionalmente produzidas na região, algumas das quais endémicas (como a maçã riscadinha).



Estão contempladas na Quinta Pedagógica, ainda, uma zona de adega em espaço contíguo à Casa Caramela, bem como alojamentos de várias espécies de animais, a eira, e espaços dedicados à produção agrícola e pecuária.



Por outro lado, seguindo a vocação pedagógica da Fundação COI, este espaço foi constituído como uma área de intervenção em Educação Ambiental, sendo esta vertente traduzida na dinamização de atividades e workshops relacionados com a utilização das energias renováveis, na demonstração de técnicas de compostagem (transformação de resíduos orgânicos em adubo natural), na utilização de uma ETAR (Estação de Tratamento de Águas Residuais) para transformação dos resíduos líquidos em água limpa e reutilizável para rega, na separação dos lixos sólidos em ecopontos e uma estação meteorológica simples, bem como na utilização de adubos orgânicos para fertilização dos solos e produção biológica dos produtos frutíferos e hortícolas.

A criação de diversas espécies animais permite que os visitantes tenham também contacto com este importante aspeto do mundo rural, conhecendo e interagindo com os mesmos e tomando consciência da origem de muitos dos produtos que integram a dieta quotidiana.



A Quinta Pedagógica conta, ainda, com um pavilhão multiusos onde se podem desenvolver atividades dirigidas a diversos públicos, seja por meio de exposições, de reuniões, de seminários e ou mesmo de festas infantis de aniversário. Trata-se de um espaço voltado à comunidade, acessível por meio de marcações.



Para completo usufruto dos diferentes espaços da Quinta Pedagógica da Casa Caramela, coloca-se à disposição do público diversos roteiros programáticos que permitem um amplo contacto com a realidade rural que envolve a cultura caramela, sem descurar o importante papel reservado à educação ambiental, aspeto de central relevância na sociedade contemporânea.



Por fim, sublinha-se a importante relação existente com a Câmara Municipal de Palmela na promoção das atividades da Quinta junto da comunidade educativa, nomeadamente através da celebração de um protocolo, no âmbito do qual são promovidas visitas das escolas de Ensino Básico do concelho.

A promoção da memória material e imaterial é um elemento essencial na preservação e no fortalecimento da identidade de um povo. Ciente desse princípio, a Fundação COL esforça-se para manter vivo o importante espólio da Casa Caramela, recriando o ambiente cultural desses antigos povoadores que nos antecederam, e que enriqueceram esta terra como fruto do seu árduo trabalho. A partilha desse conhecimento é o nosso principal contributo para a memória coletiva.

Para mais informações: <https://www.fundacao-coi.pt/quinta-pedagogica>

A Quinta Pedagógica de S. Paulo, um laboratório ao ar-livre

Localizada em pleno Parque Natural da Arrábida, a Quinta de São Paulo tem várias valências: os Conventos de Alferrara, o centro de formações e de reuniões para os municípios associados e a Quinta Pedagógica.

A Quinta Pedagógica de São Paulo, propriedade da Associação de Municípios da Região de Setúbal - AMRS, iniciou a sua atividade no ano de 2011. As escolas do 1.º, 2.º e 3.º ciclos da região de Setúbal passaram então a ter mais um recurso pedagógico totalmente gratuito. No início de 2023 e após 12 anos de atividade para as escolas, a Quinta Pedagógica comemora os 40 anos da AMRS, abrindo portas à população através de visitas temáticas regulares.

No sopé da Serra dos Gaiteiros e com vista para a Serra de São Luís, a Quinta é um local privilegiado pela natureza. Com uma forte envolvente visual, olfativa e sonora, constitui-se como um espaço com condições ímpares para a partilha de conhecimentos e aprendizagens *in-loco*.

A possibilidade de ter uma sala de aula com os objetos de estudo à frente de cada uma das crianças, proporciona aos docentes das escolas da Região uma ferramenta pedagógica única. Perceber o quão áspero é o pêlo de uma ovelha, o real tamanho de uma vaca, conhecer melhor os burros, relacionar os animais e o Homem, pegar ao colo um coelho, entre outras atividades, faz da visita à Quinta uma experiência essencial. O diálogo tónico-emocional promovido por estas interações desperta nas crianças sentimentos de superação, de ternura, de empatia com o outro e, certamente, memórias que a acompanharão por muitos anos.

Fazer do espaço da quinta um laboratório ao ar-livre, proporciona às crianças a possibilidade de ver ao vivo alguns dos animais dos livros e cadernos. Com uma abordagem informal, pautada de humor, brincadeira e boa disposição, é uma visita em que as crianças e jovens ficam a conhecer profundamente os animais da quinta.

Durante as visitas são abordados temas como a agropecuária, as árvores, plantas e fungos, os animais e a importância das relações entre si para o ecossistema. Em todas as visitas das escolas, as crianças recebem gratuitamente o Caderno da Quinta: um caderno de campo que incentiva à descoberta. Através dele, é dada a possibilidade de os alunos e professores levarem consigo os conteúdos que são trabalhados. Funciona como um objeto de transição entre a quinta e a escola, que pode ser usado na sala de aula, no recreio, mas também em momentos de laser com família e amigos.

Na Quinta Pedagógica de São Paulo a prioridade é a experiência, a brincadeira, e o contacto com a natureza. Queremos que as crianças possam tocar, provar, conhecer. Num ambiente seguro e estimulante, procuramos fazer da Quinta um espaço de partilha, de conhecimento e de exploração.

Para mais informações, consulte o site <https://quinta.amrs.pt>, ou envie e-mail para: quinta.pedagogica@amrs.pt



Em agenda...

MUSEU – A ESTAÇÃO ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PINHAL NOVO

1.º sábado de cada mês
às 15h00 - Visitas guiadas,
4.º sábado de cada mês | às 10h00
- «No meu tempo...» - visitas
orientadas por ferroviários

Frequência gratuita, com limite de inscrições
até às 12h00 da antevéspera do dia da visita.
Informações e inscrições:
patrimonio.cultural@cm-palmela.pt
Org.: Câmara Municipal de Palmela



20 maio | 17 junho | 15 julho | às 20h30

VISITA ENCENADA AO CASTELO

Visita acompanhada por personagens de época, que nos orientam
o olhar para a história e pormenores do Castelo de Palmela,
à medida que o sol se põe no horizonte.
É um convite para pausar o olhar na paisagem, para respirar
e apreciar o património como fonte de prazer e bem-estar.
Ponto de encontro – Igreja de Santa Maria

Inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt ou 21 233 6640
Limite de inscrições: min. 10 / max. 25 (inscrições até às 12h00 da antevéspera).
Duração aproximada: 01h30
Frequência gratuita
Org.: Câmara Municipal de Palmela

1 junho | 10h00 às 12h30 e 14h00 às 18h00

2.º ANIVERSÁRIO DO MUSEU - A ESTAÇÃO

No dia em que se assinala o Dia Mundial da Criança e o Dia do Concelho de Palmela, celebra-se também o
2.º aniversário do Museu - A Estação, em Pinhal Novo.

Venha conhecer o espaço museológico em família e festejar connosco!

Entrada livre
Org.: Câmara Municipal de Palmela

Centro histórico e Castelo de Palmela
17 junho | 1 julho | 2 setembro | 7 outubro

VISITAS ORIENTADAS

09h30 - Visita guiada ao Centro Histórico
da Vila de Palmela
Ponto de encontro – Chafariz de D. Maria I
11h30 - Visita guiada ao Castelo de Palmela
Ponto de encontro – Praça de Armas
Visitas orientadas por António Lameira, Voluntário
do Museu Municipal de Palmela

Inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt ou 21 233 6640
Limite de inscrições: mínimo 6, inscrições até às 12h00 da
antevéspera do dia da visita.
Duração: 01h30 (em cada período)
Frequência gratuita
Org.: Câmara Municipal de Palmela



22 a 25 junho | Cine-Teatro S. João, Palmela
**JORNADAS INTERNACIONAIS DE ARQUEOLOGIA
«FAZER O LUME, FAZER A LUZ. ARQUEOLOGIA
DO FOGO»**

Do acaso ao uso controlado, o Fogo permitiu a evolução humana. Fez-se parte da rotina comportamental das populações humanas, tornou-se indispensável à sobrevivência. Na vida como na morte, esteve sempre presente.

Informações/inscrições: <https://www.cm-palmela.pt>
patrimonio.cultural@cm-palmela.pt
Org.: Câmara Municipal de Palmela



24 junho | 17h00
Auditório da Biblioteca Municipal de Palmela
**CONVERSAS SEM MARGENS
– PATRIMÓNIO IMATERIAL**

Apresentação do livro - Ouvir o Galo Cantar Duas Vezes – Identificações locais, culturas de orla e construção de nações na fronteira entre Portugal e a Galiza
Com a presença da autora Paula Godinho e de João Carlos Louçã

Destinatários: Público em Geral | Entrada livre
Informações: 212336632 e biblioteca@cm-palmela.pt
Org.: Câmara Municipal de Palmela

6 e 7 de outubro
Cine-Teatro S. João
CURSO DOS CASTELOS
com o Prof. João Gouveia Monteiro

25 a 28 de outubro, Cine-Teatro S. João e Auditório da Biblioteca Municipal de Palmela
IX ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE ORDENS MILITARES «AS ORDENS MILITARES: DO CONVENTO E DA GUERRA PARA O MUNDO»

Publicações...

O +museu assinala, com esta edição, 20 anos de existência. Convidamos-vos a consultar os números anteriores. Retratam muito do percurso do Museu, e evocam pessoas que passaram por nós e que nos são muito queridas.

Boas leituras!
Aceda aqui: <https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/stacks>



SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | Em Investigação...

Da pedra à bala: as armas de fogo do Castelo de Palmela da Idade Moderna e Contemporânea

2.1 | Intervenção arqueológica na Fonte de Beber

3 | Em destaque...

Comunicar e incluir, a missão do Museu – A Estação

4 | Património local...

Museu da Música Mecânica - Um museu de ver, ouvir e sentir
Quinta Pedagógica da Casa Caramela

A Quinta Pedagógica de São Paulo, um laboratório ao ar livre no Parque Natural da Arrábida

6 | Em agenda...

7 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela – Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)

Câmara Municipal de Palmela

Largo do Município

2951-504 PALMELA

Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação editorial: Chefe de Divisão da DBPC

Colaboram neste número: Ana Margarida Bichinho, Catarina Parreira, Fábio R.

Bourscheid, Luís Filipe Pereira, Michelle Teixeira Santos, Rute Regula,

Teresa Cangueiro, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, Vítor Branco

Colaboram no Suplemento: A equipa de Serviço Educativo,

sob coordenação de Sandra Abreu Silva

Design: Joana Oliveira | **Impressão:** Regiset (2000 exemplares)

ISBN: 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03